



Charles Chaplin foi mais que um ator. Artista completo, roteirizava, dirigia, produzia e até compunha trilhas sonoras para seus filmes

Com a curadoria de José de Aguiar e produção da Firula Filmes, a retrospectiva reúne 83 filmes que documentam a evolução artística de um dos mais influentes cineastas da história. A programação, que já conquistou plateias em Brasília e seguirá para São Paulo e Belo Horizonte, oferece ao público carioca uma oportunidade ímpar de compreender a magnitude da contribuição chapliniana para o cinema desde sua era muda.

Chaplin não apenas dominou a era dourada de Hollywood, mas estabeleceu os alicerces da moderna linguagem cinematográfica. Além de atuar em praticamente todas as etapas da produção de um filme, sua genialidade estava na habilidade de transformar gestos corporais em narrativas amplamente compreendidas, criando uma gramática visual que influenciou gerações de cineastas.

Seu método de construção cômica, baseado na observação metódica do comportamento humano e na subversão de convenções sociais, estabeleceu parâmetros estéticos que permanecem relevantes. “A ma-

neira como Chaplin trata a figura dos mais desfavorecidos, dentro de uma visão humanista, permanece bastante atual”, destaca o curador José de Aguiar.

Nos anos 1990, a TV Globo dedicou suas noites de domingo, após o Fantástico. “Aquele maratona de Carlitos educou a cinefilia carioca nas manhas do artesão do riso, que fazia do movimento de seu corpo um pêndulo de gargalhadas. Parecia que um óvni

havia pairado sob o Plim-Plim”, recorda Rodrigo Fonseca, crítico de cinema de Correio. “Naquela época, no subúrbio carioca, professores das escolas vizinhas às comunidades do Complexo do Alemão citavam o palhaço de bigodinho como um veio para apresentar noções marxistas a seus estudantes, que ali tiveram o primeiro contato com a lógica da luta de classes. Chaplin é ‘O Capital’ explicado às crianças”, completa.

O legado chapliniano, continua o crítico, foi o pavimento para muitos comediantes, entre eles o cearense Renato Aragão, que idealizou Didi como um Carlitos retirante. “Foi também pavimento para a estética autoral de cineastas que usam a comédia para escancarar o cinismo do mundo, como o finlandês Aki Kaurismäki, que enxerga no adorável vagabundo a pícara expressão da resiliência”, destaca Fonseca.

O gênio da resiliência